



Caminhar e imaginar a cidade: extensão, vivências e reflexões

Marina de Alcântara, Universidade Franciscana - UFN, Brasil

marinadealcantara@hotmail.com

Josicler O. Alberton, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil

josicler.alberton@gmail.com

Luis G. A. Pippi, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Brasil

guiamy@hotmail.com

Cintia Maria Fank, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil

fankcintia@gmail.com

Maria H. Barcelos, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Brasil

mariahoffb@gmail.com>

Palavras-chave:

Projeto de Extensão; Caminhadas Urbanas; Patrimônio; Formação.

RESUMO

As reflexões que permeiam este artigo partem das experiências do Projeto de Extensão intitulado “Caminhadas Urbanas”, desenvolvido junto aos cursos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desde 2014, mais especificamente de uma ação promovida em agosto de 2015, na cidade de Santa Maria/RS, intitulada “Lugares do Abandono”.

O presente trabalho apresenta o Projeto e discute questões relativas à memória urbana, à arquitetura e à possibilidade de um crescimento de compreensões por meio da vivência na cidade, onde ruas, praças e edifícios podem ser disparadores de reflexões que partem do presente, mas que percorrem também passado e futuro. O indivíduo, assim, é convidado a movimentar-se por percursos, a parar em

alguns lugares e a estar presente para observar o que existe, imaginar o que existiu e o que pode existir ou vir a ser construído, em um futuro próximo ou distante; enfim, a vivenciar a cidade abordada aqui como cenário, como palco de aprendizagens.

O objetivo, para além de valorizar o espaço urbano e a arquitetura pelo habitar, é vislumbrar outras maneiras de aprender/ensinar que extrapolam a de sala de aula, atreladas ao cotidiano e à capacidade do indivíduo de imaginar, refletir, criar e propor, como ser social que é, mudanças e novas formas de organização espacial e modos de vida.

Para tanto, as discussões recorrem a autores como Careri (2013), para falar do caminhar como prática estética; Ricoeur (2002, 2007 e 2010), para abordar a arquitetura como marcação no espaço, aberta a leitura como mensagem polifônica constituída por camadas de sentidos que afetaram e afetam a disposição espacial das coisas; Bachelard (2008), para tratar da imaginação como potência criativa; entre outros que no decorrer do texto serão citados.

A ação “Lugares do Abandono” contou com a participação mais de 50 pessoas que foram convidadas a adentrar no Edifício Cauduro, antigo Hotel Jantzen, que há mais de 20 anos encontra-se sem utilização. Os caminhantes percorreram a edificação, visitaram os antigos ambientes e foram surpreendidos por projeções visuais e uma apresentação teatral que encheu os corredores de vida e vozes. Através de relatos, alguns participantes escreveram sobre curiosidades, a importância do resgate de memórias e sobre a necessidade de preservação, de valorização dos espaços públicos e do patrimônio edificado. Desta maneira, uma época diferente pode ser recapitulada pelos cidadãos caminhantes que puderam refletir sobre a arquitetura como obra inacabada, entregue à ação do tempo e às demandas e incertezas da vida.

Diante do exposto, este artigo foi organizado em cinco momentos. No primeiro será apresentado o Projeto de Extensão “Caminhadas Urbanas” e no segundo a fundamentação teórica. O terceiro momento descreve a organização prevista para a ação, enquanto o quarto apresenta os resultados, assim como algumas reflexões. Por fim o artigo traz algumas considerações dos autores e ponderações levando em consideração a continuidade do Projeto Caminhadas e a possibilidade das muitas discussões que ainda podem ser feitas.

Um projeto do caminhar

A ação de mover-se pelo espaço surge como uma necessidade humana de deslocamento em busca de algo. No princípio de tudo, apresenta-se como uma ação consciente pela busca da sobrevivência: caminhávamos à procura de comida, de água, de ar puro. De uma atitude pensada e buscada, até difícil para muitos, percorrer um espaço cotidianamente transforma o percurso em um ato rotineiro, que apoiado no automatismo do fazer, afirma-se no tempo como algo banal (CARERI, 2013). Consequência dessa realidade, na maioria dos nossos deslocamentos, não exploramos a vivência e as reflexões que dali podemos provocar. É a partir desse embate que surgiu o Caminhadas Urbanas.

O Caminhadas Urbanas é um projeto de extensão universitária cujo objetivo é oportunizar novos olhares com relação ao espaço público e ao patrimônio edificado, sendo o caminhar na ci-

dade o ponto de partida para discussões e debates que estimulem a construção de consciência do sentir-se parte integrante, dependente e agente transformador do espaço urbano.

O projeto foi criado no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – campus sede em 2014. Composto por uma equipe multidisciplinar, com participantes de diferentes instituições de ensino era coordenado por Arquitetos e Urbanistas, professores da UFSM.

Foram organizadas, entre os anos de 2014 e 2016, oito ações, dentre estas seis Caminhadas Urbanas (cinco em Santa Maria e uma edição em Cachoeira do Sul) (Figura 1), propondo percursos pela cidade motivados por temas variados, convidando os participantes - tanto de cursos de Arquitetura e Urbanismo, como da comunidade em geral – para uma inserção na cidade e seus percursos, incitando novas perspectivas através do caminhar.



Figura 1: Folders de divulgação das seis Caminhadas Urbanas, desenvolvidos pela coordenação do projeto. Fonte: Arquivo projeto Caminhadas Urbanas, 2019.

Cada caminhada do projeto iniciava com a investigação a respeito de um percurso pela cidade e um tema, além da escolha de uma data e horário que contemplasse a maior participação possível de caminhantes. A escolha e traçado do percurso considerava um tempo de duração estimado em cerca de duas horas, ainda que o comportamento dos caminhantes era o

que dava ritmo e alterações no deslocamento. Intencionalmente, os percursos eram escolhidos considerando espaços construídos que faziam parte do cotidiano e geograficamente conhecidos pela comunidade local. Ao longo das caminhadas eram realizadas paradas em que se contavam histórias sobre a cidade e seus edifícios, convidando os participantes a refletir sobre passado e futuro acerca do lugar em questão.

Durante os mais de três anos de atividade, o Caminhadas Urbanas recebeu apoio financeiro do Fundo de Incentivo de Extensão (FIEX) da UFSM, viabilizando, além das questões logísticas de planejamento e organização das ações, a dedicação de um a dois alunos bolsistas de graduação em Arquitetura e Urbanismo, que atuavam em todas as etapas do projeto.

Em seu primeiro ano, 2014, o projeto realizou três ações, sendo duas Caminhadas e uma instalação urbana temporária no centro de Santa Maria - chamado Viva Rua. A primeira Caminhada contou com a presença de 53 participantes em um percurso que teve seu início em fim em um mesmo ponto: o Largo da Gare – Estação Ferroviária de Santa Maria. A ação que durou cerca de quatro horas, passou por pontos de referência como o Parque Itaimbé e Vila Belga, terminando com um piquenique e uma roda de conversa que ocupou as ruínas da Gare (Figura 2).



**caminhadas
urbanas**

Foto: Leticia Durlo

Figura 2: Piquenique e roda de conversa nas ruínas da Gare da Estação Férrea ao final da primeira Caminhada Urbana. Fonte: Leticia Durlo, 2014.

A segunda Caminhada aconteceu em parceria com o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) – núcleo Santa Maria, e contemplou lugares centrais, mas não tão conhecidos como os da primeira Caminhada, como, por exemplo, o Quartel da Brigada Militar e a Praça Hermenegildo Gabbi, terminando na Praça Saturnino de Brito com uma apresentação musical de uma banda e com um piquenique coletivo.

A síntese de resultados das primeiras duas Caminhadas resultou na promoção da Intervenção Viva Rua. Nas rodas de conversa promovidas falou-se sobre a necessidade de se debater acerca da mobilidade urbana e da poluição visual e a maneira encontrada para estender tais questionamentos à comunidade foi através da instalação de *parklets* temporários, com espaços diversos de estar, leitura, alimentação e exposições artísticas que provocaram aqueles que transitavam pelo local.

No ano de 2015, o projeto promoveu um total de três Caminhadas Urbanas, sendo duas na cidade de Santa Maria e uma edição especial em Cachoeira do Sul. Este artigo foi concebido a partir das discussões que surgiram a partir da terceira caminhada (1ª ação de 2015), evento que será descrito no próximo item.

A segunda Caminhada de 2015 ocorreu na cidade de Cachoeira do Sul/ RS, em outubro, e contou com cerca de 50 pessoas que percorreram o Centro Histórico da cidade que hoje é sede do outro Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM. Na terceira caminhada promovida em Santa Maria, em novembro deste mesmo ano, o Projeto deixou o Centro da cidade e rumou para o Bairro Camobi de importância histórica devido, principalmente, ao desenvolvimento ferroviário e socioeconômico do município (sede da UFSM e da Base da Aeronáutica). O ponto final deste trajeto foi em frente à Igreja Nossa Senhora da Glória onde ocorreu uma projeção do documentário 'Dormentes do tempo', acerca de memórias ferroviárias (Figura 3) e uma posterior confraternização em formato de roda de conversa e lanche coletivo, com produção de cartazes formados por frases escritas pelos participantes de suas impressões pessoais a respeito da caminhada.



Figura 3: Projeção de documentário na fachada da Igreja Nossa Senhora da Glória, ao final da caminhada. Fonte: Acervo do projeto, 2015.

No ano de 2016 houve a realização da sexta Caminhada Urbana na cidade de Santa Maria, desta vez dentro do espaço do campus da Universidade Federal de Santa Maria, como uma atividade proposta dentro da 5ª edição do Encontro Ouvindo Coisas, evento promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), vinculado ao Departamento de Educação da UFSM. O Campus modernista e a fotografia foram os focos desta caminhada que contou com a participação do professor da FAUUSP, o Arquiteto e Urbanista Artur Rozestraten, que proferiu antes do passeio o minicurso intitulado "Arquiografia: Imaginário e Arquitetura".

Desde 2017 o Projeto Caminhadas Urbanas, em Santa Maria, teve suas ações de percorrer o espaço urbano interrompidas. No entanto, os trabalhos ainda continuam em Cachoeira do Sul e

através de reuniões realizadas com o intuito de, a partir da análise das ações passadas, vislumbrar o que poderá ser realizado nas próximas edições.

A cidade e a arquitetura como mensagem polifônica

Cidade e arquitetura estão colocadas no mundo como vestígios do habitar humano. Habitar e construir constituem a história do homem, seu modo de ser-no-mundo, sua presença. Segundo Pallasma (2017), o ato de habitar, como modo básico de alguém se relacionar com o mundo, pode ser compreendido em relação ao espaço. Este ato é, de alguma maneira, domesticar, controlar o espaço, tornando o espaço humano e, neste contexto, o tempo também é compreendido na escala humana, uma vez que cidades e edificações nos situam em um contínuo temporal e “[...] são museus benevolentes do tempo, que registram, armazenam e mostram traços temporais diferentes de nossa atual noção de tempo, nervosa, apressada e plana” (PALLASMA, 2017, p. 9).

Paul Ricoeur (2010) também escreve sobre o tempo humano em seus estudos, principalmente no livro “Tempo e Narrativa”, onde constrói relações entre as narrativas e a arquitetura quando afirma que a narrativa é para o tempo o que a arquitetura é para o espaço (Ricoeur, 2002). Este autor realiza a mediação entre tempo e narrativa através de três tempos miméticos (Tripla Mímesis): a Mímesis I diz respeito ao campo prático da ação - é a prefiguração de um texto que ocorre no plano das ideias; a Mímesis II ocorre na configuração textual, no plano da linguagem, quando o escritor organiza elementos heterogêneos, media o universo individual e o coletivo e realiza uma síntese compondo o texto, e a Mímesis III é o encontro do leitor com a obra escrita, momento em que a experiência do escritor pode ser revisada (Ricoeur, 2010).

Neste contexto, a arquitetura, assim como a narrativa ou um texto escrito, é capaz de trazer para o presente o que não existe mais e o espaço construído é uma mescla dos lugares de vida e espaço geométrico, sendo que é nos “confins do espaço vivido e do espaço geométrico que se situa o ato de habitar” (Ricoeur, 2007, p. 158). Nas relações que este autor constrói entre narrativa e arquitetura pela Tríplice Mímesis, a Pré configuração (Mímesis I) é constituída pelo habitar, como necessidade vital do homem de fixar-se e movimentar-se no mundo; a Configuração (Mímesis II) diz respeito ao ato de construir como síntese espacial do heterogêneo (estilo, função, materiais, costumes, etc.) e a Reconfiguração (Mímesis III) marca o encontro da obra arquitetônica com o vivente que pode interpretar o espaço e habitá-lo de novas maneiras (Ricoeur, 2002).

Deste modo, o edifício é mensagem polifônica oferecida à leitura dentro de uma tradição estabelecida, ou de uma historicidade. Uma catedral gótica, por exemplo, é uma marcação no espaço e também uma síntese de acontecimentos e condições daquele tempo passado, no caso exposto do contexto medieval. Assim, pedras, vitrais, ogivas e arcobotantes têm sempre muito o que dizer sobre outras épocas por meio de sua materialização, da justaposição de histórias de vida do passado, ou de uma proposta de sentido que acaba por conformar uma catedral como um todo.

O ato de construir se determina, portanto, em relação a uma tradição estabelecida. Mas há uma alternância entre repetição e renovação, um trabalho do tempo no espaço, que pode ser melhor percebido na escala do urbanismo uma vez que na cidade há sempre um confronto, no mesmo espaço, de épocas diferentes. Segundo Ricoeur (2007) o tempo narrado e o espaço habitado, no campo urbano, estão estreitamente associados porque a cidade se dá, ao mesmo tempo, a ver e a ler.

A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas (Ricoeur, 2007, p. 159).

Assim, embora exista diferenças entre a escala do edifício e a da cidade, ambas estão abertas a uma leitura plural, inserida em uma complexidade conformada por camadas e camadas de informações que se materializam no espaço. Na trama desta leitura complexa, em seus meandros, há também lugar para imaginação do sujeito.

Segundo Bachelard (2008), o espaço percebido pela imaginação é o espaço vivido que comporta todos os valores do espaço habitado, e habitar é se encolher, estar protegido, sonhar, transitar no mundo das imagens, entre imagens. Este espaço é poético porque está aberto a interpretações, evoca lembranças, memórias, convida à criação, à ação, e chama o indivíduo para fora dele mesmo e o coloca em movimento. Aqui há tempo e espaço de vida, humano, para além do tempo do relógio, cronometrado, e do espaço geométrico, mensurável.

Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer “suspender” o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa função do espaço (BACHELARD, 2008, p. 28).

Estas camadas de vida justapostas e sobrepostas em nossos edifícios e cidades se estabelecem como um convite para compreensão, e compreender diz respeito à formação, ao formar-se no e pelo cotidiano da vida. Nesta abordagem, o ato de atravessar ou permanecer no espaço vai além do mover-se em busca da sobrevivência, de sanar necessidades primárias, e transformou-se numa forma simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo (CARERI, 2013, p. 27).

Para este autor, a ação de percorrer o espaço é uma forma estética que quase atingiu o estatuto de disciplina autônoma onde o caminhar é um instrumento cognitivo e projetual. Os estudantes e arquitetos como caminhantes são convidados a deixar suas mesas de desenhos e a colocar nas costas suas mochilas para caminhar e compreender os espaços metropolitanos, seus significados antes de projetar e preenchê-los de coisas.

Assim, o caminhar revela-se um instrumento que, precisamente pela sua intrínseca característica de simultânea leitura e escrita do espaço, se presta a escutar e interagir na variabilidade desses espaços, a intervir no seu contínuo devir com uma ação sobre o campo, no aqui e agora das transformações, compartilhando desde dentro as mutações daqueles espaços que põem em crise o projeto contemporâneo (CARERI, 2013, p. 33).

Deste modo, o caminhar leva para os cenários e situações corriqueiras do dia a dia e propõe que nos movamos entre as diversas formas que compõe o ambiente para olhar numa apreensão estética do espaço. Hermann (2010) escreve que o termo “estética” não se limita ao estudo do belo e da arte, como no século 18, mas sim, diz respeito a toda dimensão da sensibilidade, a nossa capacidade de apreender a realidade pelos canais da sensibilidade, imersos na totalidade da vida.

Esta autora escreve que há uma valorização da fantasia, do erotismo e da emoção ao considerar a experiência sensorial do espaço. Destaca que qualquer projeto educativo, que se reduz à instrumentalização e a uma racionalização que simplifica questões, acaba por excluir a fantasia como potência nos processos de conhecimento. Neste contexto, a estética pode promover, assim, uma experiência aberta, momentos de livre jogo de imaginação que podem colocar o sujeito em um processo de revisão e de reflexão sobre a vida (HERMANN, 2005).

Desta maneira, estudantes, arquitetos e cidadãos como caminhantes e protagonistas, em contato com edifícios, ruas, praças, conjuntos de edifícios, podem formar-se pela vida. Através de uma valorização do tempo presente e do tempo vivido, Cidade e arquitetura, pelo habitar, podem ser disparadores de um processo de compreensão do mundo por um sujeito que compreende a si mesmo e respeita a alteridade do outro.

Espaço com vida e lugares do abandono

O percurso da 3ª Caminhada Urbana foi definido a partir da identificação de pontos nos quais o abandono se faz presente de alguma maneira iniciando junto à Avenida Rio Branco, na antiga Capela da Escola de Artes e Ofícios Hugo Taylor – que se encontra restaurada e hoje está ocupada por uma cafeteria anexa ao Hipermercado Carrefour.

O trajeto contemplou ruas centrais e periféricas do Centro Histórico e percorreu espaços representativos para a cidade, próximos ou vinculados às atividades ferroviárias, como o Antigo Açougue; e Fábrica de Café e Sabão da Cooperativa de Funcionários da Viação Férrea (COOPFER) – atualmente em estado de ruína; a ponte seca sobre a linha férrea e a Vila Belga (Figura 4) – conjunto de casas preservadas em Tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul. A Fábrica e a Vila Belga faziam parte da infraestrutura de apoio aos ferroviários, a primeira através do fornecimento de suprimentos básicos, como a carne, o café e o sabão, e a segunda como moradia aos trabalhadores e suas famílias.



Caminhadas Urbanas

Foto: Maria Hoff

Figura 4: Caminhantes transitando pela Vila Belga. Fonte: Maria Hoff, 2015.

Os caminhantes visitaram ainda o antigo casario em estado de ruínas – atualmente pertencente à TV OVO (Figura 5); a sede da antiga Società Italiana di Mutuo Soccorso di Santa Maria – desconfigurada ao longo do tempo devido às diversas intervenções incompatíveis com a arquitetura original, e, por fim, chegaram ao Edifício Cauduro, antigo Hotel, ponto da ação onde os participantes foram convidados a adentrar naquele espaço há muitos anos estava sem utilização.



Caminhadas Urbanas

Foto: Natália Ferreira

Figura 5: Participantes da caminhada em frente a antigo casario em ruínas. Fonte: Natália Ferreira, 2015.

Todos os pontos de parada, de alguma forma, enfrentam situações de abandono. Se buscarmos a definição de “abandono”, encontraremos termos como “deixar de lado”, “desamparar”, “renunciar”, “não dar mais atenção”, “descuidar-se”. É a partir dessa reflexão que entendemos o sentido de “Lugares de Abandono” como os locais que, por diversos motivos, no passado foram amplamente ocupados, e hoje encontram-se negligenciados. Segundo Rocha (2010, p. 59), “Abandono pode ser a ação de deixar uma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar. [...] O abandono antes de qualquer coisa é um estado, uma condição, um acontecimento.” Em relação ao abandono, este pode apresentar-se materializado, através da decomposição de sua

condição original, mas também de modo sensível, quando há um abandono de uso ou uma desocupação ideológica.

O Edifício Cauduro trata-se de uma imponente e sólida edificação de cinco pavimentos, localizada na esquina das Ruas Venâncio Aires e Avenida Rio Branco, no Centro Histórico de Santa Maria-RS. Foi construído no início da década de 1940 pelo Engenheiro Luis Bollick, um profissional muito requisitado na cidade por desenvolver obras inovadoras em sintonia com o que acontecia em grandes centros urbanos. O Hotel Jantzen, que ocupou o Edifício Cauduro logo após a sua construção até meados da década de 1980, foi concebido para atender a demanda de viajantes que transitavam pela cidade em função do centro de serviços atrelado à movimentação do modal ferroviário (FOLLETO, 2008), tendo em Santa Maria um importante entroncamento da malha ferroviária estadual devido sua localização na região central do Rio Grande do Sul.

Sobre sua organização formal o edifício (Figura 6) fora construído junto do alinhamento do terreno de esquina, adotando partido em “L” de maneira que se conformasse um pátio no interior de lote. No térreo estavam localizadas as salas comerciais, com contato direto para o passeio urbano e acesso principal do hotel que se voltava para a Avenida Rio Branco, onde encontrava-se a pequena recepção, dois modernos elevadores e a escada que os envolvia. Três pavimentos acima recebiam os “pavimentos tipo” ocupados pelos dormitórios, organizados a partir de um longo corredor central com cômodos dos dois lados que eram atendidos por banheiros coletivos nas extremidades. O quarto pavimento era dividido entre dormitórios e o amplo salão do restaurante e café.



Figura 6: Edifício Cauduro. Fonte: Marina de Alcântara, 2015.

As fachadas lisas, de poucos adornos e revestimento em mica, ainda contrastam com os demais edifícios ecléticos do seu tempo e no seu entorno. Adotando princípios do *Art Decó*, o grande edifício acinzentado oferecia a Santa Maria o que existia de mais moderno para a época, ousando ao instalar elevadores e possibilitar o acesso à sua cobertura que configurava uma espécie de mirante para a paisagem da cidade.

O declínio do transporte ferroviário no país que levou a um crescente sucateamento da estrutura do modal no território nacional, teve consequências em Santa Maria, levando à suspensão completa dos trens de passageiros em meados da década de 1990. Com isso, a rede de infraestrutura concebida para dar apoio à economia ferroviária - incluindo o Hotel localizado no Edifício Cauduro, tornou-se subutilizada. Novos hotéis concorrentes também influenciaram, desde a década de 1980, na decadência do Hotel Jantzen. Depois de muitos percalços, a ocupação do hotel foi encerrada em 14 de maio de 1993 após uma ação de despejo movida pelos proprietários. O hotel teve de ser esvaziado, com exceção do térreo, que abrigava salas comerciais, mantendo-se nessa situação até hoje (FOLLETO, 2008).

Atualmente o edifício está dividido em sete fatias verticais, sendo cada uma de responsabilidade de um proprietário diferente. Também os registros na Prefeitura Municipal não são unificados, sendo que cada pavimento possui números de cadastro e código de localização diferentes entre si (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA, 2014). Sem ocupação desde a década de 1990, os pavimentos superiores passaram por reformas de renovação de instalações elétricas e troca de esquadrias, mas ainda assim, segundo um de seus proprietários, não há previsão de nova ocupação (SCALCON, 2018).

Por mais de duas décadas a edificação se mantém fechada, em situação de decadência e abandono, ainda que viva no imaginário santamariense por despertar memórias e alimentar “lendas” da cidade. Lendas essas que transitam por histórias do então Presidente Getúlio Vargas acenando para a população da janela do restaurante, de receber hóspedes famosos como Roberto Carlos ou ser palco de uma peripécia de equilibristas usando cordas para ir da cobertura do Edifício a outro prédio da cidade – fatos esses falados, mas até então sem registro. Tendo seu auge na década de 1950 e 1960, as memórias de seus momentos de glória povoam a mente dos moradores da cidade, evocando curiosidades. Não apenas no âmbito arquitetônico, o prédio ajuda a contar a história da cidade, caracterizando uma época, costumes, ideologias e vivências.

Em 2015, quando o Projeto Caminhadas Urbanas planejou suas ações, a visita ao Edifício Cauduro foi pensada a partir do discurso de Lugares do Abandono enquanto locais associados pela comunidade ao incômodo, insatisfação e desleixo, mas, também, ao mistério e à deposição e suscitação de imaginários individuais e coletivos. A ação dentro do Edifício se compôs ao longo de uma sequência de cenas através das quais organizou-se algumas intervenções pensando-se nas questões que se pretendia provocar.

Cena 01 – Visão, Audição e Aproximação

A deserção do prédio, cotidianamente inacessível ao cidadão comum, tratou de evocar nos participantes a incógnita, a curiosidade e o interesse e se estabeleceu, assim, um convite para a experimentação do espaço, para uma vivência em uma atmosfera misteriosa. O cenário interno oferecia pouca luz, dada a ausência de instalação elétrica funcionais à época da intervenção, e clareava e escurecia de acordo com a ação dos relâmpagos em meio a chuva torrencial que caiu naquela tarde. Os caminhantes poderiam percorrer o edifício e tentar desvendá-lo, em meio aos sons dos trovões e ecos da própria edificação. A apreensão inicial do abandono do edifício poderia se dar a partir do seu aspecto físico (Figura 7): papéis de parede descascando, piso degradado e assoalho rangendo, vidros quebrados, pó acumulado.

Cena 02 - Evocação e Imaginação

Evocar, enquanto verbo derivado do latim, remete a chamar, trazer à lembrança, tornar algo presente através do exercício da memória e/ou da imaginação. O Edifício Cauduro, pelo viés simbólico, está presente no imaginário popular. Assim, evocar é instigar o resgate de imagens pré-formuladas, individual e coletivamente, e refletir a respeito destas e para esta importante função, de evocar memórias, reais ou imaginárias, parceiros do projeto foram convidados a realizar intervenções artísticas.

Os participantes foram recebidos, inicialmente, com cenas projetadas nas paredes internas do Edifício—obra artística que dialoga com a temática do cenário urbano teve autoria do artista Elias Maroso e ao longo dos corredores labirínticos do prédio foram surpreendidos com a encenação teatral do grupo do Laboratório de Experimentação Vocal do Curso de Artes Cênicas da UFSM - LEV (Figura 8). Assim, cenas e vozes falavam sobre o passado do edifício e seus hóspedes e os espaços vazios foram aos poucos preenchidos por imaginação.

Cena 03 – Reflexão e Discussão

A cena 03 corresponde ao momento em que se propõe, já no último pavimento do prédio - no antigo restaurante do Hotel, uma roda de conversa e confraternização (Figura 9). Neste contexto, os participantes poderiam discutir, interagir e visualizar a paisagem urbana a partir do mirante do restaurante. Em paralelo, espalharam-se pelo chão cartazes e canetas, convidando os participantes a compartilharem suas percepções através de frases, relatos, palavras ou croquis. Também se colocou sob o chão um mapa do percurso com um punhado de alfinetes, de modo que se pudesse marcar pontos positivos e/ou negativos ao longo do trajeto percorrido.



Figura 7: Cena 01: interior degradado do Edifício Cauduro. Fonte: Letícia Durló, 2015.



Figura 8: Cena 02: integrantes do grupo LEV realizando performance no interior do edifício. Fonte: Acervo do projeto, 2015.



Figura 9: Cena 03: piquenique de confraternização e discussões ao final da caminhada. Fonte: Acervo do projeto, 2015.

A etapa posterior à ação em si foi conformada a partir de dois aspectos: os impactos objetivos, mensuráveis e passíveis de análise; e os impactos subjetivos, aqueles que dizem respeito à sensibilização provocada nos participantes e aos efeitos que podem desencadear a partir daí.

Através de encontros posteriores à 3ª Caminhada, buscou-se pautar a discussão sobre os resultados obtidos pela ação promovida. Observaram-se os aspectos quantitativos, sendo eles o número de participantes, evolução em relação a edições passadas, duração prevista *versus* atingida, interações nas mídias digitais, visibilidade em veículos de comunicação; bem como os aspectos qualitativos como comentários e contribuições dos participantes, os temas citados nas rodas de conversa e nos cartazes acerca do espaço urbano e do patrimônio edificado, enfim da ação em si.

O item que segue abaixo traz alguns destes resultados e reflexões.

Vivências e reflexões

A atividade da 3ª Caminhada Urbana ocorreu em uma tarde de sábado chuvosa e contou com a participação de aproximadamente 60 pessoas que adentram, no final de um passeio, em um edifício abandonado, esquecido, mais ainda vivo no cenário urbano de Santa Maria. Na esquina, frente a antiga recepção, todos foram recebidos frente ao tapume que protegia o vão de acesso já sem a porta de entrada. Para esta ação, a equipe organizadora contou com a ajuda de muitos colaboradores que ficaram responsáveis por guiar as pessoas e proibir a entrada, ou toque, a espaços ou coisas que se julgou, em uma visita prévia, perigosos. Neste sentido, houve um planejamento do percurso que se iria fazer dentro da edificação, da recepção até o restaurante localizado no terraço do prédio.

O cenário provocador pretendido aconteceu e todos, até mesmo os organizadores, foram sur-

preendidos pelos sons e pelas luzes que povoaram a penumbra daquela tarde. A falta de luz elétrica e as marcas do tempo nas paredes, pisos e teto colaboraram para que todos deixassem, do lado de fora, um pouco do nosso tempo tecnológico e apressado. E lá, no restaurante, todos pararam para conversar, estar presente, habitar. Para reviver no hoje aquele dia e compreender algumas de suas repercussões para além de dados quantitativos, provocou-se três participantes com o seguinte texto:

Uma edificação é sempre um convite para aquele indivíduo que acolhe com curiosidade o que lhe é apresentado, porque é capaz de evocar memórias e instigar a imaginação. Assim, pode-se, a partir do presente, visitar a profundidade do passado e as expectativas do futuro.

Neste contexto, o que você pode nos dizer sobre a ação do Caminhadas Urbanas que aconteceu no dia 22 de agosto de 2015 (sábado) no Edifício Cauduro?

Esta provocação foi feita agora, em 2019, para compor este artigo de modo que a formulação da pergunta já expõe algumas questões tratadas na fundamentação teórica e que são caras para os autores depois de tantas andanças, conversas e discussões como, por exemplo, a compreensão do indivíduo como ser social - integrante, dependente e transformador da sociedade. Logo, é importante destacar que o objetivo das caminhadas nunca foi projetar, obter possíveis ideias com novos cenários a serem construídos para os espaços visitados; mas sim escutar o cidadão e propiciar a criação e fortalecimento de laços, de vínculos sentimentais com os espaços da cidade e desta maneira aprender com e sobre os outros e o mundo.

Seguem os relatos de três participantes da 3ª Caminhada:

Particpei da ação Caminhadas Urbanas, há mais de três anos. Como me interesso sobre assuntos que envolvem o patrimônio cultural, vi neste projeto a oportunidade de conhecer aquele edifício que já havia sido hotel e onde alguns membros da minha família haviam se hospedado, em meados do século passado. Tal edifício, suntuoso e de esquina, que depois de já crescida descobri que era “um tal de Art Déco”, sempre esteve no meio do meu caminho. Como moro muito próximo, quando pequena frequentei a “Drogracetro”, a farmácia da grande balança de relógio que, por muitos anos, sobreviveu no térreo do Edifício Cauduro. Aliás, embora este nome remonte à uma família muito conhecida na cidade, a quase totalidade de quem veio e/ ou permaneceu em Santa Maria, ainda identificava o edifício como “o do Hotel Jantzen”. Último hotel da Avenida Rio Branco para os que chegavam de trem, primeiro para quem morava no centro, era tido como o maior e o melhor, até perder posto para o Hotel Itaimbé, bem maior e bem melhor, instalado não muito longe dali, nos anos setenta do século passado. Por que será que já me referi duas vezes ao século passado? Será porque os bons edifícios, aqueles que vivem em nossas reminiscências, são todos frutos deste período tão rico para a nossa Santa Maria? Eu arriscaria dizer que sim; já os bem mais velhos diriam, se estivessem vivos: com toda a certeza! Dos testemunhos desta história, alguns voltaram à quase-vida, nesta ação do Caminhadas Urbanas, onde uma encenação teatral materializou hóspedes fantasmas que participaram do circuito, assombrando os corredores estreitos, escadarias escuras e uma sucessão de quartos vazios. Nesta mesma tarde, me lembro, a Ação foi presenteada com

uma chuva densa, tornando o edifício-hotel um lugar muito acolhedor, mesmo na presença dos fantasmas que depois dos assombros, amigavelmente celebraram o passeio junto aos curiosos, ao final da encenação no salão de café, último andar do antigo hotel. Só ficou faltando o passeio pelo único elevador com fechamento em grade, provavelmente o segundo ou terceiro mais antigo da cidade... Mas daí, mesmo sem fantasmas, eu não me atreveria. (Leonora Romano, 22/02/2019. Arquiteta e Urbanista, professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM, reside em Santa Maria desde infância).

O caminhaduras urbanas proporciona uma viagem no tempo, o seus percursos provocam a memória imaginar a vida urbana do século passado; as pessoas, seus comportamentos; e a arquitetura da época, a relação da sua imponência na paisagem de Santa Maria, no contraste urbano com o verde da natureza dos morros que abriga a cidade. Inspirador. (Felix Leões Bravo, 22/02/2019. Arquiteto e Urbanista, em 2015 era acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da ULBRA e hoje trabalha com o tema do Edifício Cauduro em sua dissertação de mestrado no Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio da FAU/UFRJ).

Da rua se vê um bloco pesado e nas janelas, constantemente fechadas, a pouca luz que ousa entrar é por aquelas que o vidro quebrou. Soa mórbido em sua frieza acinzentada. Mas talvez essa perspectiva só possa ser vislumbrada por algum tempo de contemplação. Se passar andando em meio a pessoas apressadas que povoam o centro da cidade, pode-se tranquilamente ignorá-lo por anos atrás das placas do marketing varejista que se impõem a altura do observador. Entrar ali, pronto pra analisar absolutamente tudo, com a sede de avaliação estética de um estudante de arquitetura: é rasgar a rotina e virar pontos de vista do avesso. Através dessa visita foi possível se transportar para a história do edifício. Cada cômodo, vazio ou com um resquício de mobília, recitava em silêncio momentos que nunca vivemos. Um exemplar da arquitetura moderna da década de 40, que hospedou inúmeras vivências, foi minuciosamente observado pela sagaz curiosidade da geração Y que registrou em vários instagram's imagens que nenhum cliente do antigo Hotel Jantzen poderá compartilhar. Em experiências como esta podemos nos aprofundar no conceito de que arquitetura se trata de uma ciência exata em diversos fatores, processos e metodologias de execução, mas o produto final sempre é a sensação que desperta em uma pessoa. Ou várias. Por anos. (Gabriel Dutra, 27/02/2018. Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da UFSM, em 2015 cursava o 2º semestre)

Retomando algumas vivências, pode-se dizer que a ação no interior do Edifício Cauduro promoveu uma nova ocupação do seu espaço. Essa ocupação deu-se pelas pessoas em deslocamento, por projeções midiáticas em um dos pavimentos, por performances teatrais e rodas de conversa realizadas no lugar do antigo restaurante do, então, Hotel Jantzen. Em uma tarde, o edifício abandonado voltou a ser habitado, tornando o prédio, o patrimônio, a memória e o imaginário novamente ativo à comunidade.

A memória é um elemento indispensável para se compreender a construção de representações sociais e dar características à identidade de um lugar. Essa (a memória) materializa-se em espaços construídos que, ao somarem com vivências e experiências pessoais de cada indivíduo, alimentam o fortalecimento de identidade de lugar. Traçam-se, nesse sentido, semelhanças entre a narrativa de uma história que existe pelo registro de acontecimentos em si. A edificação é, assim, um acontecimento que tomou forma.

Vale lembrar que a paisagem urbana é mutável, existindo a partir de constantes modificações. Ainda assim, a identidade de um espaço urbano necessita de lugares como marcos de memória e gatilhos de reconhecimento de lugar.

Ao mesmo tempo em que a proposta inicial do Caminhadas Urbanas se faz pela vivência nas ruas e provocações quanto o espaço urbano, desperta-nos inúmeras reflexões o fato de que o momento mais marcante do percurso de uma das Caminhadas, se não de todas as ações do projeto, foi a ocupação de um espaço privado. Não estávamos mais do lado de fora - agora estávamos dentro. Um dos motivos, talvez, esteja nas questões relativas ao habitar e da necessidade vital do homem de buscar proteção. Nesse sentido a edificação abraça, protege, acolhe como materialização no espaço de camadas e camadas de história e sentidos humanos (RICOUER, 2002).

A ação no Edifício Cauduro propunha que os usuários do espaço urbano ocupassem a edificação, vivenciando-a e estimulando seu imaginário através de memórias e experiências passadas. Ao trazer o público para dentro de um edifício enigmático na paisagem da cidade - e encerrado há muitos anos - é estabelecida uma relação entre patrimônio e comunidade, sendo realizada uma troca entre estes, permitindo a projeção de imaginários passados e criando novas vivências e sensações a partir deste ato, que pode dizer-se, exploratório.

Rocha (2010) defende que a cidade nos pertence enquanto palco para a construção de nossas vidas, mesmo que de forma inconsciente, é o lugar onde estabelecemos relações entre indivíduos e ambiente construído. Nestes laços que constituímos ao longo da vida a criação tem força, sobretudo, na capacidade do indivíduo de criar a partir de uma relação de respeito e cuidado que estabelece consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Como em muitos casos ocorre, a arquitetura patrimonial encerra-se sobre si mesma, e não é explorada por grande camada da população, por suas diversas funções posteriormente delegadas, como edifícios administrativos, legislativos, de comércio e serviços, que de certa forma tornam-se privados à uma parte da comunidade. Esta ação extensionista busca trazer para junto do patrimônio todos aqueles a quem este pertence, por quem este é conformado com seu imaginário projetado sobre, e no qual outros projetam suas vivências. O patrimônio edificado é, por fim, pertencente a todos aqueles que conformam a sociedade no qual está inserido, devendo ser por estes compartilhado.

Desta maneira, as ações do Caminhadas Urbanas se fortaleceram como o momento de construir e reconstruir laços através da apreensão do espaço construído urbano pelo percorrer. E para esta construção há necessidade do habitar, do estar presente no aqui e no agora. Assim, ao longo das edições do Caminhadas, notou-se que os trajetos mais curtos propostos foram os mais intensos e que para a construção de novas relações, novos sentidos, as paradas são sempre bem-vindas. Os trajetos muito longos ou com muitas informações podem dispersar o caminante e assim conectá-lo com o automatismo do dia a dia.

Outro ponto a destacar são as aprendizagens que podem surgir da apreensão da arquitetura como obra inacabada. Rasmussen (2015) escreve que o arquiteto é uma espécie de produtor teatral, um homem que planeja cenários, mas que nem sempre suas intenções são coroadas, fato este que transforma seu trabalho difícil por muitas razões. Pode-se dizer que há sempre uma distância entre intenções do arquiteto e expectativas ou receptividade do público. Neste contexto, entrar no edifício Cauduro, assim como parar e olhar alguns lugares do abandono, pôde aproximar estudantes e professores de arquitetura da vida real, da vida vivida e da vida que se pode viver.

Assim, a arquitetura se estabelece, de fato, como obra inacabada no tempo porque o tempo opera, faz suas próprias mudanças e está sempre encrustado, gravado nos tijolos e pedras, nos amontoados de formas que compõem todo cenário urbano criado pelo homem.

Algumas palavras

O Projeto Caminhadas Urbanas nasceu da expectativa de oportunizar momentos e espaços de estar presente no ambiente urbano, refletindo o que este pode significar no que fomos, somos ou que poderemos ser. O ambiente construído urbano é, assim, o pano de fundo do cenário da cidade, como que para ser cidade, além do espaço, precisa-se de pessoas para vivenciá-lo.

Da busca de respostas sobre como viver na, e a cidade, dando força ao sentido de que simultaneamente integramos, dependemos e modificamos o espaço urbano na simplicidade de ali estarmos, temos mais questões levantadas do que receitas a seguir.

O movimento coordenado por professores Arquitetos e Urbanistas da UFSM foi capaz de integrar indivíduos de diversas áreas do conhecimento, somando olhares multidisciplinares e múltiplas vivências que contribuíram na desconstrução de conceitos pré-estabelecidos acerca da cidade e do que somos capazes de aprender a partir dela.

Da incerteza da adesão em cada uma das ações desenvolvidas no Projeto, nos surpreende o número expressivo de participantes em algumas edições, somando grupos de mais de 50 pessoas, constatando a receptividade da comunidade pela proposta do olhar para o nosso espaço com cuidado e atenção.

No processo de formação do indivíduo enquanto ser social, para além das questões de ordem objetivas, vimos no projeto a possibilidade de ampliar o que se ensina e o que se aprende, onde se ensina e onde se aprende. O “Caminhadas Urbanas”, em especial a 3ª edição, com os “Lugares do Abandono”, provocou comunidade acadêmica e demais cidadãos a desenvolver, em conjunto, um olhar crítico sobre o espaço urbano através de um novo habitar - pelo percurso e pela permanência. Oportuniza-se, dessa forma, novas narrativas individuais e coletivas.

As discussões fomentadas entre os participantes da atividade transitavam entre qualidade,

valorização, potencialidades e possibilidades que a paisagem urbana e o patrimônio edificado podem oferecer, construindo um rico e diverso ambiente de aprendizagens.

O “Caminhadas Urbanas”, enquanto projeto de extensão da UFSM, viabiliza o contato entre o fazer acadêmico - o regrado, científico, metódico. e o fazer cidadão - da vivência, da experimentação, ampliando reflexões e aprofundando vínculos a partir da convivência com a diversidade, mutabilidade, e riqueza de narrativas do espaço urbano.

As reflexões que findam esse texto tomam a direção do futuro, das possibilidades e oportunidades para novas caminhadas urbanas a partir do que foi aprendido e apreendido, ampliando o Projeto, revendo percursos e ampliando questionamentos de ordem teórica e prática para efetivar ações que virão.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CARERI, Francisco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Tradução Frederico Bonaldo. 1ed. São Paulo: Editora G. Gilli, 2013.
- FOLLETO, Vani Terezinha ET al. *Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria*. Câmara de Vereadores de Santa Maria-RS. Santa Maria, 2008. p. 141-142.
- HERMANN, Nadja. *Autocriação e Horizonte Comum*. Ensaio sobre educação ético-estética. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.
- HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- IBGE. *Brasil em Síntese | Rio Grande do Sul | Santa Maria | Panorama*. Brasil, 2018. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>>. Acesso em 01 de março de 2019.
- PALLASMAA, Juhani. *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. *Identificação de bens imóveis de Santa Maria/RS*. Escritório da Cidade. 2014.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa 1 A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Arquitectura y Narratividad*. In: THORNBERG, Josep Muntañola (Dir). *Architectonics.Mind, Land & Society*. Barcelona: Edicions UPC, 2002.
- ROCHA, Eduardo. *Arquiteturas do abandono (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte)*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SCALCON, Deives A. P. *Deives Alex Piccinini Scalcon: depoimento [2018]*. Entrevista concedida à pesquisadora Marina de Alcântara.